

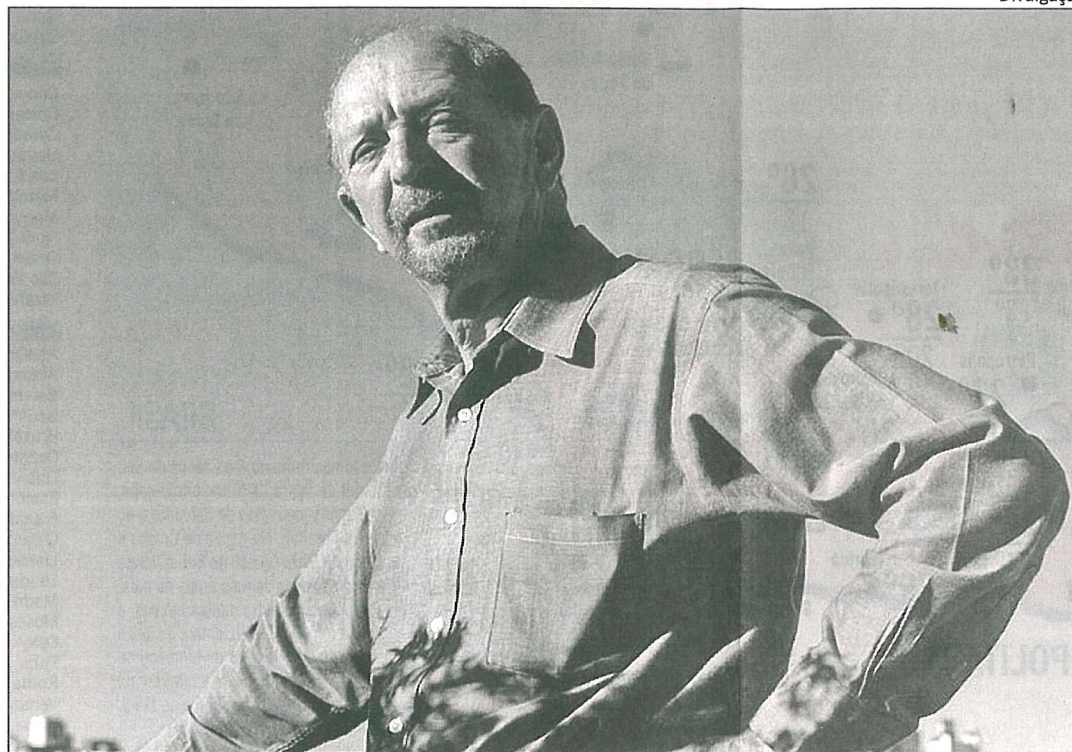
OBITUÁRIO

Um escritor com as luvas da fantasia

Divulgação

José Castello

• Moacyr Scliar sempre escreveu com a postura de médico: um pé atrás para observar o mundo, a coragem de meter as mãos nas piores partes do humano, a decisão de, mesmo nas horas difíceis, não se afastar da realidade. Foi assim, deslocado de seu centro, mais como observador que como inventor, que escolheu a literatura. Ainda menino, gostava de ir ao pronto-socorro do Bom Fim, reduto porto-alegrense da colônia judaica, para observar o atendimento aos pacientes e seu sofrimento. Nunca fugiu da dor. Sem ser hipocondríaco, sofria muito, desde cedo, com as doenças dos pais, que lhe despertavam medo e atração. O interesse pela dura verdade do corpo o levou à medicina, em que se formou em 1962.



MOACYR SCLIAR, autor premiado de mais de 70 livros, entre romances, contos, crônicas e ensaios

Entre as influências, Kafka, Cortázar e a Bíblia

O interesse pela verdade social o deslocou, anos depois, para a medicina sanitária — tornou-se especialista em saúde pública — que mexe nos subterrâneos da vida. A aproximação da literatura, em que estreou em 1968 com a coletânea de contos “O carnaval dos animais”, teve o mesmo caráter de inquietação. Imitando os grandes cirurgiões, de quem se exige a mão delicada, Scliar também se debruçou sobre a realidade com as luvas da fantasia. A parábola — na linha de Franz Kafka — logo se transformou em seu método preferido. Narrativa alegórica que, por comparação, evoca outras realidades, a parábola lhe foi muito útil como artifício de sobrevivência durante o regime militar, durante o qual lançou livros importantes, que tratam de temas incômodos como a violência e a mentira, como o romance “Mês de cães danados”, de 1977, e o livro de

contos “A balada do falso Messias”, de 1976.

Três grandes influências marcam a literatura de Scliar: a presença contínua de Franz Kafka, como ele um judeu deslocado de sua condição; a escrita fantástica de Júlio Cortázar; e a leitura laica da Bíblia, em particular do Novo Testamento, em que as parábolas proliferam. Com eles aprendeu a força da linguagem figurada que, em poucas linhas, e de modo leve e até irônico, consegue dizer as piores verdades.

Seu mais importante romance, “O centauro no jardim”, de 1980, incluído na lista dos 100 melhores livros de temática judaica dos últimos 200 anos organizada pelo National Yiddish Book Center, dos EUA, usa a figura lendária do centauro, metade homem, para falar, de forma poética, da divisão que define a alma humana.

Para tratar do tema em geral recalcado da masturba-

ção, Scliar, em “Manual da paixão solitária”, de 2008 — ganhador do Prêmio Jabuti de Melhor Livro do Ano de Ficção em 2009 — desloca-se até a antiga Judeia para reviver a vida de Judá, o quarto filho de Jacó, e de seus três filhos, Er, Onan e Selá e suas difíceis relações com o amor. Os saltos no tempo e as guinadas próprias da linguagem figurada o conduzem ao coração dos dilemas contemporâneos.

Scliar não se esquivou de temas cruciais, e arcaicos, como a culpa, a melancolia e o mal, que percorrem sua ficção de ponta a ponta, sempre temperados por um humor sutil, que não esconde a origem judaica. Nunca foi um homem religioso. Aos 6 anos, os pais o matricularam no Colégio Lídiche, levando-o a se aproximar melhor (outro deslocamento) da língua alemã falada por judeus. Cinco anos depois, eles o transferiram

para uma escola católica onde — mais uma vez “fora de si” — tentou, sem sucesso, uma conversão ao catolicismo. Os dramas espirituais que percorrem os textos sagrados, em suas mãos, se transformam em matéria humana. Em Scliar, a carne sempre vence o espírito.

A leveza e a ironia lhe serviram como antídotos para tratar de questões dolorosas sem ceder às pressões do drama. Foi também com leveza e sem afetação que, em 2003, elegeu-se para a cadeira número 31 da Academia Brasileira de Letras. Nunca abdicou da obsessão pela ciência e pelos grandes cientistas, que lhe serviram de modelos para muitas ficções. O médico e indigenista Noel Nutels, por exemplo, é o protagonista de “A majestade do Xingu”, romance de 1997, e o sanitarista Oswaldo Cruz, de “Sonhos tropicais”, de 1992. Scliar nunca pretendeu, porém, transformar a literatura

em um instrumento da ciência, ou veículo de sua divulgação.

Jamais cogitou que a literatura possa se transformar em uma porta de acesso à religião. Certa vez, disse a respeito de seu fascínio pela Bíblia: “Ele não é o fascínio do ateu pela religião, mas do leitor pela narrativa”. Sempre atribuiu à sua origem judaica a persistência de uma pergunta que marca a alma dos judeus emigrados: “O que sou exatamente?” Sem uma resposta, fez da literatura uma forma amorosa de sobrevivência no real.

Autor recebeu três vezes o Prêmio Jabuti

Autor de mais de 70 livros, entre romances, contos, crônicas e ensaios, Scliar recebeu três vezes o Prêmio Jabuti, a mais tradicional distinção literária do país: em 2009, pelo romance “Manual da paixão solitária” (eleito melhor romance e melhor livro de ficção daquele ano); em 1993, pelo romance “Sonhos tropicais”; e em 1988, pelo volume de contos “O olho enigmático”. Pelos contos de “A orelha de Van Gogh”, ganhou o prestigioso prêmio Casa de Las Américas em 1989. Também recebeu o Prêmio José Lins do Rego, da Academia Brasileira de Letras, pelo romance “A Majestade do Xingu”, em 1998, entre outras honrarias.

Scliar morreu ontem, aos 73 anos, depois de sofrer um acidente vascular cerebral isquêmico no dia 16 de janeiro. Ele estava internado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre e sofreu o AVC durante uma cirurgia para a retirada de pólipos — espécie de tumores benignos — do intestino. No dia 17, Scliar foi submetido a uma cirurgia no cérebro e passou alguns dias sedado, respirando com a ajuda de aparelhos. Ele deixa a mulher, Judith, e um filho, o fotógrafo Beto Scliar.

Dilma manifesta pesar

• A presidente Dilma Rousseff lamentou, em nota oficial, a morte de Moacyr Scliar. No comunicado, ela descreve Scliar como “um dos mais respeitados escritores do nosso País e um ícone da literatura gaúcha, brasileira e latino-americana”.

A ministra da Cultura, Ana de Hollanda, também divulgou nota de pesar sobre a morte do escritor, ressaltando “suas qualidades inegáveis como intelectual”. Na ABL, o presidente Marcos Vinícios Vilaça determinou luto oficial de três dias: “Moacyr foi um trabalhador literário incansável, que nos vai fazer muita falta”, afirmou Vilaça.

Para o escritor Luís Fernando Veríssimo, Scliar era “um dos nossos melhores romancistas”.

— Ele se debruçou sobre a temática judaica, e de um modo único, um tipo de humor diferente — afirmou Veríssimo.

Segundo Ivan Pinheiro Machado, editor e proprietário da editora L&PM, Scliar tinha um espaço único como romancista.

— Ele extraía da cultura judaica uma literatura brasileira peculiar e ao mesmo tempo universal, inventiva, que vinha de um passado de fabulação dos imigrantes.